

VIII

No plano dos sonhos

Após alguns minutos de conversação encantadora, o Irmão Francisco acercou-se do orientador, indagando sobre os objetivos da reunião da noite.

— Sim — esclareceu Alexandre, afável — temos algum trabalho de esclarecimento geral a amigos nossos, relativamente a problemas de mediunidade e psiquismo, sem minúcias particulares.

— Se nos permite — tornou o interlocutor — estimaria trazer alguns companheiros que colaboram freqüentemente conosco. Seria para nós grande satisfação vê-los aproveitando os minutos de sono físico.

— Sem dúvida. Destina-se o serviço de hoje à preparação de cooperadores nossos, ainda encarnados na Crosta. Estaremos à sua disposição e receberemos seus auxiliares com alegria.

Francisco agradeceu sensibilizado e perguntou:

— Poderemos providenciar?

— Imediatamente — explicou o instrutor, sem hesitação — conduza os amigos ao sítio de seu conhecimento.

Afastou-se o grupo de "socorristas", deixando-me verdadeiro mundo de pensamentos novos.

Segundo informações anteriores, Alexandre dirigiria, naquela noite, pequena assembléia de estudiosos e, assim que nos vimos a sós, explicou-me, solícito:

— Nosso núcleo de estudantes terrestres já possui certa expressão numérica, no entanto, fal-

tam-lhe determinadas qualidades essenciais para funcionar com pleno proveito. Em vista disso, é imprescindível dotar os companheiros de conhecimentos mais construtivos.

E, como julgasse útil fornecer-me informações pessoais destinadas à minha própria edificação, acrescentou, gentilmente:

— Atendendo às injunções dessa ordem, estabeleci um curso de esclarecimento metódico para melhorar a situação. Nem todos sabem valer-se das horas de sono físico, para o incentivo de semelhantes aquisições, mas se alguns lavradores mais corajosos não se dispuserem a cultivar algumas sementes afim de iniciar-se, mais tarde, a cultura intensiva, jamais a comunidade ruralista alcançará a lavoura farta.

E, sorridente, acentuou:

— Contamos, em nosso centro de estudos, com número superior a trezentos associados; no entanto, apenas trinta e dois conseguem romper as teias inferiores das mais baixas sensações fisiológicas, para atingirem nossas lições. E noites se verificam em que mesmo alguns desses quebram os compromissos assumidos, atendendo a seduções comuns, reduzindo-se ainda mais a freqüência geral. Em compensação, de quando em vez, há o comparecimento fortuito de companheiros outros, qual ocorre nesta noite, em face da lembrança do Irmão Francisco, que nos trará alguns amigos.

— E os irmãos que comparecem — indaguei, curioso — conservam a recordação integral dos serviços partilhados, de estudos levados a efeito e observações ouvidas?

Alexandre pensou um momento e considerou:

— Mais tarde, a experiência mostrará a você como é reduzida a capacidade sensorial. O homem eterno guarda a lembrança completa e conservará consigo todos os ensinamentos, intensificando-os e valorizando-os, de acordo com o estado evolutivo que lhe é próprio. O homem físico, entretanto, es-

cravo de limitações necessárias, não pode ir tão longe. O cérebro de carne, pelas injunções da luta a que o Espírito foi chamado a viver, é aparelho de potencial reduzido, dependendo muito da iluminação de seu detentor, no que se refere à fixação de determinadas bênçãos divinas. Dêsse modo, André, o arquivo de semelhantes reminiscências, no livro temporário das células cerebrais, é muito diferente nos discípulos entre si, variando de alma para alma. Entretanto, cabe-me acrescentar que, na memória de todos os irmãos de boa vontade, permanecerá, de qualquer modo, o benefício, ainda mesmo que êles, no período de vigília, não consigam positivar a origem. As aulas, no teor da que será por você assistida nesta noite, são mensageiras de inexprimíveis utilidades práticas. Em despertando, na Crosta, depois delas, os aprendizes experimentam alívio, repouso e esperança, a par da aquisição de novos valores educativos. E' certo que não podem reviver os pormenores, mas guardarão a essência, sentindo-se revigorados, de inexplicável maneira para êles, não só a retomar a luta diária no corpo físico, mas também a beneficiar o próximo e combater, com êxito, as próprias imperfeições. Seus pensamentos tornam-se mais claros, os sentimentos mais elevados e as preces mais respeitosas e produtivas, enriquecendo-se-lhes as observações e trabalhos de cada dia.

— E' lastimável — disse eu, valendo-me de pausa mais longa — que todos os membros do grupo não possam freqüentar, em massa, as instruções dessa natureza. Seria de extraordinária significação o ato de se congregarem mais de trezentas pessoas para os mesmos fins santificantes, recebendo, em conjunto, sublimes bênçãos de iluminação.

— Sem dúvida — redargüiu o orientador, no otimismo de sempre. — No entanto, não podemos violentar ninguém. Tôda elevação representa uma subida e tôda subida pede esforço de ascensão.

Se os nossos amigos não se aproveitam da força que lhes é peculiar, se menosprezam os seus próprios direitos divinos, por olvidarem e por vêzes detestarem os sagrados deveres que o Pai lhes confiou, como operar por êles, se constitui lei primordial da vida a realização divina e eterna para cada um de nós?

A observação era profunda e indiscutível.

A êsse tempo, éramos defrontados por vasto edifício, que impressionava pelas linhas modestas, embora transbordantes de luz.

— Vamos agora ao trabalho! — convocou Alexandre, resoluto.

— Mas — objetei por minha vez — não se efetuaria as aulas, na sede do agrupamento, onde se processam os serviços a seu cargo?

— Se o trabalho — respondeu êle, atencioso — fosse puramente consagrado às entidades libertas do corpo material, poderíamos desenvolver os nossos esforços, ali mesmo, com o maior êxito, mas, no presente caso, devemos atender a irmãos ainda encarnados, que vêm até nós em condições especialíssimas, e precisamos aproveitar os recursos magnéticos dos amigos que ainda se encontram igualmente em luta na Terra.

E, chegados diante da porta de entrada, onde se movimentava grande número de companheiros de nosso plano, o instrutor explicou:

— Temos aqui uma nobre instituição espiritista, a serviço dos necessitados, dos tristes, dos sofredores. O sagrado espírito de família evangélica permanece vivo nesta casa de amor cristão que o Espiritismo ergueu, por intermédio de uma venerável missionária do Cristo. Nossos trabalhos se desdobrarão aqui com mais eficiência, relativamente aos fins a que se destinam.

— Como é interessante — acentuei — o fato de necessitarmos dos ambientes domésticos para instruções aos companheiros encarnados!

— Sim — comentou Alexandre, com elevada

sabedoria — você não pode esquecer que grandes ensinamentos do próprio Mestre foram ministrados no seio da família. A primeira instituição visível do Cristianismo foi o lar pobre de Simão Pedro, em Cafarnaum. Uma das primeiras manifestações de Nosso-Senhor, diante do povo, foi a multiplicação das alegrias familiares, numa festa de núpcias, em pleno aconchego do lar. Muitas vezes visitou Jesus as casas residenciais de pecadores confessos, acendendo novas luzes nos corações. A última reunião com os discípulos verificou-se no cenáculo doméstico. O primeiro núcleo de serviço cristão em Jerusalém foi ainda a moradia simples de Pedro, então transformado em baluarte inexpugnável da nova fé. Inegavelmente, todo templo de pedra, dignamente superintendido, funciona qual farol no seio das sombras, indicando os caminhos retos aos navegantes do mundo, mas não podemos esquecer que o movimento vital das idéias e realizações baseia-se na igreja viva do espírito, no coração do povo de Deus. Sem adesão do sentimento popular, na esfera da crença vivida no âmago de cada um, qualquer manifestação religiosa reduz-se a mero culto externo. Por isso mesmo, André, no futuro da Humanidade, os templos materiais do Cristianismo estarão transformados em igrejas-escolas, igrejas-orfanatos, igrejas-hospitais, onde não sómente o sacerdote da fé veicule a palavra de interpretação, mas onde a criança encontre arrimo e esclarecimento, o jovem a preparação necessária para as edificações dignas do caráter e do sentimento, o doente o remédio salutar, o ignorante a luz, o velho o amparo e a esperança. O Espiritismo evangélico é também o grande restaurador das antigas igrejas apostólicas, amorosas e trabalhadoras. Seus intérpretes fiéis serão auxiliares preciosos na transformação dos parlamentos teológicos em academias de espiritualidade, das catedrais de pedra em lares acolhedores de Jesus.

Daria tudo o que estivesse ao meu alcance

para continuar ouvindo as encantadoras elucidações do orientador, mas, nesse instante, transpúnhamos o limiar.

Verifiquei que faltavam apenas cinco minutos para duas horas da madrugada.

Pelo grande número de entidades que vieram, céleres, ao nosso encontro, percebi que havia enorme interesse em torno da palestra edificante da noite. Não se achavam presentes apenas os aprendizes ligados ao esforço de Alexandre, em sentido direto, mas também outros amigos, trazidos até ali por afeiçoados do plano espiritual.

Acercou-se de nós, com mais intimidade, pequeno grupo de companheiros, destacando-se um dêles que conversou com Alexandre,¹ de maneira mais significativa.

— Ainda não chegaram todos? — indagou o instrutor, com interesse afetivo, após trocarem as primeiras impressões.

Percebi claramente que se referia aos irmãos encarnados que deveriam comparecer, na cota de freqüência do grupo de que era ele um dos diretores espirituais.

— Faltam-nos apenas dois companheiros — elucidou o interpelado. Até o momento, Vieira e Marcondes ainda não chegaram.

— Urge iniciar os trabalhos — exclamou Alexandre, sem afetação — devemos terminar a tarefa às quatro horas no máximo.

E, mostrando singular interesse de amigo, acrescentou:

— Quem sabe foram vítimas de algum acidente? convém positivar.

No espírito de calma decisão que lhe é característico, recomendou ao auxiliar que lhe prestava informações:

— Sertório, enquanto ultimarei algumas provisões para as instruções da noite, vá observar o que se passa.

Respeitoso, o subordinado interrogou:

— Caso estejam os nossos irmãos sob a influência de entidades criminosas, como devo proceder?

— Deixá-los-á, então, onde estiverem — replicou o instrutor, resoluto — o momento não comporta grandes conversações com os que se prendem, deliberadamente, ao plano inferior. Findo o trabalho, você mesmo providenciará os recursos que se façam necessários.

Dispunha-se o mensageiro a partir, quando o orientador, percebendo-me o ardente interesse em acompanhá-lo, acrescentou:

— Se deseja, André, poderá seguir, colaborando com o emissário em serviço. Sertório terá prazer em sua companhia.

Agradeci extremamente satisfeito e abracei o auxiliar de Alexandre, que me sorriu acolhedoramente.

Saímos.

Era indispensável atender o mandato com pres-teza; todavia, satisfazendo-me a curiosidade, Sertório explicava, generoso:

— Quando encarnados, na Crosta, não temos bastante consciência dos serviços realizados, durante o sono físico; contudo, êsses trabalhos são inexprimíveis e imensos. Se todos os homens prezassem seriamente o valor da preparação espiritual, diante de semelhante gênero de tarefa, certo efetuariam as conquistas mais brilhantes, nos domínios psíquicos, ainda mesmo quando ligados aos envoltórios inferiores. Infelizmente, porém, a maioria vale-se, inconscientemente, do repouso noturno para sair à caça de emoções frívolas ou menos dignas. Relaxam-se as defesas próprias e certos impulsos, longamente sopitados, durante a vigília, extravasam em tôdas as direções, por falta de educação espiritual, verdadeiramente sentida e vivida.

Interessado em esclarecimentos completos, indaguei:

— Entretanto, isto ocorre com aprendizes de

cursos avançados do Espiritualismo? Poderiam ser vítimas dêsses enganos alunos de um instrutor da ordem de Alexandre?

— Como não? — obtemperou Sertório, fraternalmente. — Com referência a essa probabilidade, não tenha qualquer dúvida. Quantos pregam a verdade, sem aderirem intimamente a ela? quantos repetem fórmulas de esperança e paz, desesperando e perseguindo, no fundo do coração? Há sempre muitos "chamados" em todos os setores de construção e aprimoramento do mundo! os "escolhidos", contudo, são sempre poucos.

Completando o pensamento, como a escoimá-lo de qualquer falsa noção de particularismos na obra divina, Sertório acrescentou:

— E precisamos reajustar nossas definições sobre os "escolhidos". Os companheiros assim classificados não são especialmente favorecidos pela graça divina, que é sempre a mesma fonte de bênçãos para todos. Sabemos que a "escolha", em qualquer trabalho construtivo, não exclui a "qualidade" e se o homem não oferece qualidade superior para o serviço divino, em hipótese alguma deve esperar a distinção da escolha. Infere-se, pois, que Deus chama todos os filhos à cooperação em sua obra augusta, mas somente os devotados, persistentes, operosos e fiéis constroem qualidades eternas que os tornam dignos de grandes tarefas. E, reconhecendo-se que as qualidades são frutos de construções nossas, nunca poderemos esquecer que a escolha divina começará pelo esforço de cada um.

A tese do companheiro era assaz interessante e educativa, mas havíamos atingido pequeno edifício, em frente do qual Sertório se deteve e falou:

— E' a residência de Vieira. Vejamos o que se passa.

Acompanhei-o, em silêncio.

Em poucos instantes, encontrávamo-nos dentro de quarto confortável, onde dormia um homem idoso, fazendo ruído singular. Via-se-lhe, perfeita-

mente, o corpo perispirital unido à forma física, embora parcialmente desligados entre si. Ao seu lado, permanecia uma entidade singular, trajando vestes absolutamente negras. Notei que o companheiro adormecido permanecia sob impressões de doloroso pavor. Gritos agudos escapavam-lhe da garganta. Sufocava-se, angustiadamente, enquanto a entidade escura fazia gestos que eu não conseguia compreender.

Sertório acercou-se de mim e observou:

— Vieira está sofrendo um pesadelo cruel.

E, indicando a entidade estranha:

— Creio que ele terá atraído até aqui o visitante que o espanta.

Com efeito, muito delicadamente, o meu interlocutor começou a dialogar com a entidade de luto:

— O amigo é parente do companheiro que dorme?

— Não, não. Somos conhecidos velhos. — E, muito impaciente, acentuou — Hoje, à noite, Vieira chamou-me com as suas reiteradas lembranças e acusou-me de faltas que não cometí, conversando levianamente com a família. Isso, como é natural, desgostou-me. Não bastará o que tenho sofrido, depois da morte? ainda precisarei ouvir falsos testemunhos de amigos maledicentes? Não poderia esperar dêle semelhante procedimento, em virtude das relações afetivas que nos uniam as famílias, desde alguns anos. Vieira foi sempre pessoa de minha confiança. Em razão da surpresa, deliberei esperá-lo, nos momentos de sono, afim de prestar-lhe os necessários esclarecimentos.

O estranho visitante, todavia, fez uma pausa, sorriu irônico, e continuou:

— Entretanto, desde o momento em que me pus a explicar-lhe a situação do passado, informando-o quanto aos verdadeiros móveis de minhas iniciativas e resoluções na vida carnal, para que não prossiga caluniando-me o nome, embora sem inten-

ção, Vieira fez este rosto de pavor que estão vendo e parece não desejar ouvir as minhas verdades.

Interessado nas lições novas, aproximei-me do amigo, cujo corpo descansava em posição horizontal, e senti-lhe o suor frio, ensopando os lençóis. Não revelava compreender, convenientemente, o auxílio que lhe era trazido, fixando-nos com estranheza e ansiedade e intensificando, ainda mais, os gemidos gritantes que lhe escapavam da boca.

Sentindo a silenciosa reprovação de Sertório, o habitante das zonas inferiores dirigiu-lhe a palavra, de modo especial:

— O senhor admite que devamos ouvir impassíveis os remoques da leviandade? não será passível de censura e punição o amigo infiel que se vale das imposições da morte para caluniar e deprimir? se Vieira sentiu-se no direito de acusar-me, desconhecendo certas particularidades dos problemas de minha vida privada, não é justo que me tolere os esclarecimentos até ao fim? não sabe ele, acaso, que os mortos continuam vivos? ignorará, porventura, que a memória de cada companheiro deve ser sagrada? Ora esta! eu mesmo já lhe ouvi, em minha nova condição de desencarnado, longas dissertações, referentes ao respeito que devemos uns aos outros... Não considera, pois, que tenho motivos justos para exigir um legítimo entendimento?...

O interpelado esboçou um gesto de complacência e observou:

— Talvez esteja com a razão, meu caro. Entretanto, creio deva desculpar seu amigo! como exigir dos outros a conduta rigorosamente correta, se ainda não somos criaturas irrepreensíveis? Tenha calma, sejamos caridosos uns para com os outros!...

E, enquanto a entidade se punha a meditar nas palavras ouvidas, Sertório falou-me, em tom discreto:

— Vieira não poderá comparecer esta noite aos trabalhos.

Não pude reprimir a má impressão que a cena

me causava e, talvez porque eu fizesse um olhar suplicante, advogando a causa do pobre irmão, quase a desencarnar-se de medo, o auxiliar de Alexandre prosseguiu:

— Retirar violentamente a visita, cuja presença é o próprio requisitou, não é tarefa compatível com as minhas possibilidades do momento, mas podemos socorrê-lo, acordando-o.

E, sem pestanejar, sacudiu o adormecido, energeticamente, gritando-lhe o nome com força.

Vieira despertou confuso, estremunhando, sob enorme fadiga, e ouvi-o exclamar, palidíssimo:

— Graças a Deus, acordei! que pesadelo terrível!... Será crível que eu tenha lutado com o fantasma do velho Barbosa? Não! não posso acreditar!...

Não nos viu, nem identificou a presença da entidade enlutada, que ali permaneceu até não sei quando. E, ao retírarmo-nos, ainda lhe notei as interrogações íntimas, indagando de si mesmo, sobre o que teria ingerido ao jantar, tentando justificar o susto cruel com pretextos de origem fisiológica. Longe de auscultar a própria consciência, com respeito à maledicência e à leviandade, procurava materializar a lição no próprio estômago, buscando furtar-se à realidade.

Sertório, porém, não me proporcionou ensejo a maiores reflexões. Convocando-me ao dever imediato, acrescentou:

— Visitemos o Marcondes. Não temos tempo a perder.

Daí a dois minutos, penetrávamos outro apartamento privado; todavia, o quadro agora era muito mais triste e constrangedor.

Marcondes estava, de fato, ali mesmo, parcialmente desligado do corpo físico, que descansava com bonita aparência, sob as colchas rendadas. Não se encontrava é sob impressões de pavor, como acontecia ao primeiro visitado; entretanto, revelava a posição de relaxamento, característica dos

viciados do ópio. Ao seu lado, três entidades femininas de galhofeira expressão permaneciam em atitude menos edificante.

Vendo-nos, de súbito, o dono do apartamento surpreendeu-se, de maneira indisfarçável, mormente em fixando Sertório que era de seu mais antigo conhecimento. Levantou-se, envergonhado, e ensaiou algumas explicações com dificuldade:

— Meu amigo — começou a dizer, dirigindo-se ao auxiliar de Alexandre — já sei que vem procurar-me... não sei como esclarecer o que ocorre...

Não pôde, contudo, prosseguir e mergulhou a cabeça nas mãos, como se desejasse esconder-se de si mesmo.

A essa altura da cena constrangedora, verifiquei, então, sem vislumbres de dúvida, que as entidades visitantes eram da pior espécie, de quantas conhecia eu nas regiões das sombras.

Irritadas talvez com o recuo do companheiro, que se revelava triste e humilhado, prorromperam em grande algazarra, acercando-se mais intensamente de nós, sem o mínimo respeito.

— Impossível que nos arrebatem Marcondes! — disse uma delas, enfáticamente. — Afinal de contas, vim de muito longe para perder meu tempo assim, sem mais nem menos!

— Ele mesmo nos chamou para a noite de hoje — exclamou a segunda, atrevidamente — e não se afastará de modo algum.

Sertório ouvia com serenidade, evidenciando intimidade compaixão.

A terceira entidade, que parecia reter instintos inferiores mais completos, aproximou-se de nós, com terrível expressão de sarcasmo e falou, dando-me a entender que aquela não era a primeira vez que Sertório procurava o sítio para os mesmos fins e nas mesmas circunstâncias:

— Os senhores não passam de intrusos. Marcondes é fraco, deixando-se impressionar pela pre-

sença de ambos. Nós, todavia, faremos a reação. Não conseguirão arrancar-nos o predileto.

E gargalhando, irônica, acentuava:

— Também temos um curso de prazer. Marcondes não se afastará.

Contrariamente aos meus impulsos, Sertório não demonstrava a mínima atenção. As palavras e expressões daquela criatura, porém, irritavam-me. Ao meu lado, o auxiliar de Alexandre mantinha-se extremamente bondoso, a própria vítima permanecia humilde e triste. Porque semelhantes insultos? Ia responder alguma coisa, no sentido de esclarecer o caso em termos precisos, quando Sertório me deteve:

— André, contenha-se! Um minuto de conversação atenciosa com as tentações provocadoras do plano inferior pode induzir-nos a perder um século.

Em seguida, com invejável tranqüilidade, dirigiu-se ao interessado, perguntando sem espírito de censura:

— Marcondes, que contas darei hoje de você, meu amigo?

O interpelado respondeu, lacrimoso e humilhado:

— O' Sertório, como é difícil manter o coração nos caminhos retos! Perdoe-me... Não sei como isto aconteceu... Não posso explicar-me!

Mas Sertório parecia pouco disposto a cultivar lamentações e, mostrando-se muito interessado em aproveitar o tempo, interrompeu-o, exclamando:

— Sim, Marcondes. Cada qual escolhe as companhias que prefere. Futuramente você compreenderá que somos seus amigos leais e que lhe desejamos todo o bem.

Despejaram as mulheres nova série de frases ridiculizadoras e Marcondes começou, de novo, a lastimar-se, mas o mensageiro de Alexandre, sem hesitar, tomou-me a destra e regressamos à via pública.

— Voltemos imediatamente — disse êle, decidido.

— E em que ficamos? — indaguei — não vai acordá-lo?

— Não. Não podemos agir aqui do mesmo modo. Marcondes deve demorar-se em tal situação, para que amanhã a lembrança desagradável seja mais duradoura, fortificando-lhe a repugnância pelo mal.

— Que fazer, então? — perguntei, espantado.

— Diremos ao nosso orientador o que ocorre — redargüiu Sertório, calmamente — é o que nos cabe levar a efeito.

E, sintetizando longas considerações que poderia expender relativamente ao assunto, acentuou:

— Por agora, André, chama-nos o dever mais alto, no campo de nossa jornada para Deus. Toda-via, quando terminarem as instruções da noite, voltarei a ver o que é possível efetuar em favor de nossos pobres amigos. No momento, não devemos perder os minutos. As preleções de Alexandre não se destinam tão somente ao preparo dos nossos irmãos que ainda se ligam aos envoltórios de carne, na superfície da Crosta; são igualmente valiosas para nós outros, que necessitamos enriquecer possibilidades para socorrer, com êxito, os companheiros encarnados.

— Sim, concordo — respondi. — No entanto, a situação de Vieira e Marcondes sensibiliza-me fundamentalmente...

Sertório, porém, cortou-me a palavra, rematando, seguro de si mesmo:

— Conserve seu sentimento, que é sagrado; não se arrisque, porém, a sentimentalismo doentio. Esteja tranqüilo quanto à assistência, que não lhes faltará no momento oportuno; todavia, não se esqueça de que se êles mesmos algemaram o coração em semelhantes cárceres, é natural que adquiram alguma experiência proveitosa à custa do próprio desapontamento.